

O PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO DE INCLUSÃO DO ALUNO COM TRANSTORNO DEESPECTROAUTISTA

THE TEACHER'S ROLE IN THE INCLUSION PROCESS OF STUDENTS WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER

EL PAPEL DEL DOCENTE EN EL PROCESO DE INCLUSIÓN DEL ESTUDIANTE CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA

Tânia Regina Souza Morosini¹

RESUMO: Esse artigo buscou analisar o papel do professor no processo de inclusão do aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na educação regular, destacando as competências pedagógicas, os desafios enfrentados e as estratégias utilizadas para promover uma prática verdadeiramente inclusiva. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica e qualitativa, fundamentada em autores como Mantoan (2015), Cunha (2019), Amaral (2018), Bosa (2016) e Oliveira (2020), que abordam o papel docente, a afetividade e as práticas pedagógicas inclusivas. Foram analisadas produções publicadas entre 2015 e 2024, interpretadas à luz da análise de conteúdo de Bardin (2016). Os resultados indicaram que o professor é o principal mediador da aprendizagem e que sua formação continuada, sensibilidade e postura empática são essenciais para o desenvolvimento e a inclusão do aluno com TEA. Conclui-se que o sucesso da inclusão depende de uma atuação docente colaborativa, afetiva e reflexiva, comprometida com a valorização das diferenças e com a construção de uma educação mais humana, ética e igualitária.

1886

Palavras-chave: Inclusão escolar. Transtorno do Espectro Autista. Prática docente.

ABSTRACT: This article aimed to analyze the teacher's role in the inclusion process of students with Autism Spectrum Disorder (ASD) in regular education, highlighting pedagogical competencies, challenges faced, and strategies used to promote a truly inclusive practice. Methodologically, it is a bibliographic and qualitative research based on authors such as Mantoan (2015), Cunha (2019), Amaral (2018), Bosa (2016), and Oliveira (2020), who address the teacher's role, affectivity, and inclusive pedagogical practices. Studies published between 2015 and 2024 were analyzed through Bardin's (2016) content analysis. The results indicated that the teacher is the main mediator of learning and that their continuous training, sensitivity, and empathetic attitude are essential for the development and inclusion of students with ASD. It is concluded that the success of inclusion depends on a collaborative, affective, and reflective teaching practice, committed to valuing diversity and building a more humane, ethical, and equitable education.

Keywords: School inclusion. Autism Spectrum Disorder. Teaching practice.

¹Mestrado em educação especializado em formação de professores, Universidade: Europeia del Atlântico.

RESUMEN: Este artículo buscó analizar el papel del docente en el proceso de inclusión del estudiante con Trastorno del Espectro Autista (TEA) en la educación regular, destacando las competencias pedagógicas, los desafíos enfrentados y las estrategias utilizadas para promover una práctica verdaderamente inclusiva. Metodológicamente, se trata de una investigación bibliográfica y cualitativa, basada en autores como Mantoan (2015), Cunha (2019), Amaral (2018), Bosa (2016) y Oliveira (2020), que abordan el papel docente, la afectividad y las prácticas pedagógicas inclusivas. Se analizaron producciones publicadas entre 2015 y 2024, interpretadas a la luz del análisis de contenido de Bardin (2016). Los resultados indicaron que el docente es el principal mediador del aprendizaje y que su formación continua, sensibilidad y actitud empática son esenciales para el desarrollo y la inclusión del estudiante con TEA. Se concluye que el éxito de la inclusión depende de una práctica docente colaborativa, afectiva y reflexiva, comprometida con la valoración de las diferencias y con la construcción de una educación más humana, ética y equitativa.

Palabras clave: Inclusión escolar. Trastorno del Espectro Autista. Práctica docente.

INTRODUÇÃO

A inclusão escolar é uma conquista que reflete o amadurecimento social e pedagógico das instituições de ensino diante da diversidade humana. Entre os desafios que emergem desse movimento, a presença de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na escola regular ocupa um lugar de destaque, exigindo do professor novas formas de compreender, acolher e ensinar. O papel docente ultrapassa o domínio de conteúdos e metodologias, envolvendo 1887 também a sensibilidade para reconhecer as singularidades de cada aluno e garantir que a aprendizagem aconteça de forma significativa. Segundo Mantoan (2015), incluir é ir além da matrícula é criar condições reais de participação, interação e pertencimento, assegurando que todos os estudantes, com ou sem deficiência, encontrem na escola um espaço de desenvolvimento pleno.

O professor é, sem dúvida, o principal mediador desse processo. É ele quem transforma as diretrizes da educação inclusiva em práticas concretas, articulando saberes pedagógicos, afetivos e éticos. Amaral (2018) destaca que o docente ocupa uma posição central na construção da inclusão, pois é por meio de suas ações, posturas e atitudes que o aluno com TEA pode sentir-se acolhido e valorizado. A inclusão depende de um olhar atento às potencialidades do aluno, da capacidade de adaptar-se às suas necessidades e de reconhecer o ritmo próprio de cada um. Assim, o educador atua como facilitador das aprendizagens, promovendo a socialização e o desenvolvimento de habilidades cognitivas e socioemocionais.

Entretanto, o caminho para a inclusão efetiva é permeado por desafios que vão desde a formação docente até as condições estruturais das escolas. Cunha (2019) observa que muitos

professores sentem-se inseguros diante da presença de alunos com TEA, principalmente por falta de preparo técnico e emocional para lidar com situações específicas do transtorno. Essa lacuna formativa não se limita à ausência de cursos ou treinamentos, mas reflete uma carência de reflexão crítica sobre o papel social da escola e do professor na promoção da equidade. A educação inclusiva, portanto, não se reduz a estratégias didáticas, mas requer uma mudança de mentalidade, uma revisão das concepções de ensino e de aprendizagem.

A literatura sobre o tema evidencia que o sucesso da inclusão depende de uma prática pedagógica colaborativa e interdisciplinar. Bosa (2016) enfatiza que o trabalho com alunos com TEA deve envolver não apenas o professor da sala regular, mas também profissionais de apoio, gestores, famílias e colegas de turma. Essa articulação cria uma rede de suporte que amplia as possibilidades de aprendizagem e reduz as barreiras que limitam a participação. O docente, nesse contexto, assume um papel de liderança pedagógica e afetiva, promovendo o diálogo entre todos os envolvidos e garantindo que o aluno autista seja visto não pela sua limitação, mas por suas potencialidades.

Outro aspecto essencial é a afetividade como instrumento pedagógico. Oliveira (2020) reforça que o vínculo afetivo entre professor e aluno com TEA é a base para o desenvolvimento de qualquer processo de ensino inclusivo. A paciência, a empatia e a escuta sensível tornam-se atitudes indispensáveis para compreender os sinais e as formas de comunicação desses alunos, muitas vezes não convencionais. Quando o professor se dispõe a conhecer e respeitar essas particularidades, cria um ambiente emocionalmente seguro, onde o aprendizado se torna possível e o aluno se sente motivado a participar e interagir.

1888

Diante desse panorama, o presente artigo tem como objetivo analisar o papel do professor no processo de inclusão do aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA), discutindo as competências pedagógicas, os desafios enfrentados e as estratégias necessárias para a construção de uma prática educativa verdadeiramente inclusiva. Para isso, o estudo foi desenvolvido por meio de uma abordagem bibliográfica e qualitativa, fundamentada em autores como Mantoan, Amaral, Cunha, Bosa e Oliveira, que discutem a importância da formação docente e da dimensão afetiva na efetivação da inclusão. A partir dessa reflexão, busca-se contribuir para o fortalecimento de uma educação que reconhece o valor das diferenças e promove, em todos os seus aspectos, a humanização do ato de ensinar e aprender.

MÉTODOS

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica e de abordagem qualitativa, voltada à compreensão do papel do professor na inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto da educação regular. Segundo Gil (2019), a pesquisa bibliográfica permite reunir, selecionar e analisar produções já existentes sobre determinado tema, possibilitando a reflexão crítica e a ampliação do conhecimento a partir de diferentes perspectivas teóricas. Nesse sentido, o estudo buscou examinar como os professores têm enfrentado os desafios da inclusão, quais estratégias têm adotado e de que forma a formação docente tem contribuído para o fortalecimento de práticas inclusivas.

A abordagem qualitativa foi escolhida por valorizar os significados e as experiências humanas, o que se mostra essencial para compreender um fenômeno tão sensível e complexo quanto a inclusão. Minayo (2021) explica que a pesquisa qualitativa não busca quantificar resultados, mas interpretar a realidade com profundidade, considerando os contextos, as subjetividades e as relações envolvidas. Assim, o presente estudo adota uma perspectiva interpretativa, interessada em compreender a prática docente a partir das vozes dos autores e das vivências que permeiam o cotidiano escolar. Essa abordagem possibilitou identificar os desafios e as potencialidades que emergem das experiências pedagógicas relacionadas ao ensino de alunos com TEA.

1889

O levantamento das fontes teóricas foi realizado nas bases SciELO, Google Acadêmico, CAPES Periódicos e em bibliotecas virtuais de universidades públicas brasileiras, abrangendo produções publicadas entre 2015 e 2024. O recorte temporal foi definido por considerar o crescimento do debate sobre inclusão e autismo nesse período, especialmente após a implementação de políticas públicas como a Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) e as diretrizes da Política Nacional de Educação Especial. Foram utilizados descritores como *inclusão escolar*, *Transtorno do Espectro Autista*, *formação docente* e *práticas pedagógicas inclusivas*, o que permitiu localizar estudos consistentes e atuais sobre o tema.

Os critérios de inclusão das fontes consideraram textos disponíveis integralmente, em língua portuguesa e com fundamentação científica reconhecida. Foram excluídas produções voltadas exclusivamente ao campo clínico, priorizando aquelas que discutiam o contexto escolar e a atuação docente. Após a triagem, foram selecionadas 20 obras, entre artigos, dissertações e livros, que abordavam de forma direta a relação entre professor, inclusão e autismo. Cunha

(2019) reforça que a análise de fontes diversificadas permite um olhar mais abrangente sobre o fenômeno, integrando diferentes contextos e realidades educacionais.

A interpretação dos dados teóricos foi conduzida por meio da análise de conteúdo, conforme o método de Bardin (2016), que organiza e sistematiza as informações em categorias temáticas. Essa técnica foi escolhida por permitir identificar os significados que emergem dos textos e compreender como os autores abordam a função docente na construção da inclusão. A partir dessa leitura, foram identificadas três categorias principais: *a formação e o papel mediador do professor, as estratégias pedagógicas para o aluno com TEA e os desafios institucionais e humanos da inclusão escolar*. Essa categorização orientou a reflexão dos resultados, favorecendo uma análise interpretativa e comparativa entre diferentes produções.

Por fim, o percurso metodológico deste estudo foi guiado por um compromisso ético e reflexivo, fundamentado na responsabilidade de tratar o tema da inclusão com respeito e sensibilidade. Amaral (2018) lembra que pesquisar sobre o autismo implica compreender o sujeito em sua totalidade, reconhecendo suas singularidades e potencialidades. Assim, este trabalho foi desenvolvido com o objetivo de contribuir para o debate educacional, oferecendo subsídios teóricos que ajudem os professores a repensar suas práticas e a transformar a escola em um espaço verdadeiramente inclusivo, onde cada aluno tenha o direito de aprender, conviver e ser respeitado em sua diferença. 1890

RESULTADOS E DISCURSÃO

Os resultados obtidos a partir da análise bibliográfica demonstraram que o professor é o eixo central na efetivação da inclusão escolar de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Sua atuação vai além do cumprimento de normas legais, envolvendo uma postura ética, reflexiva e sensível diante das diferenças humanas. Mantoan (2015) afirma que a inclusão não acontece por decreto, mas pela transformação da prática pedagógica. O docente, nesse sentido, assume o papel de mediador da aprendizagem, promovendo condições que favorecem a participação, a autonomia e a socialização dos alunos com TEA no cotidiano escolar.

Um dos achados mais expressivos foi o reconhecimento de que a formação docente exerce influência decisiva sobre a qualidade da inclusão. Cunha (2019) observa que, quando o professor é preparado para compreender as especificidades do autismo, ele desenvolve maior segurança e criatividade em suas intervenções pedagógicas. Entretanto, muitas pesquisas apontam que a formação inicial ainda é insuficiente para lidar com as demandas do ensino

inclusivo. Amaral (2018) acrescenta que o educador necessita de uma formação continuada que une teoria e prática, valorizando tanto o conhecimento técnico quanto a dimensão humana do trabalho docente.

As produções analisadas destacam que os professores enfrentam grandes desafios na adaptação curricular e metodológica. A diversidade de manifestações do TEA torna o planejamento pedagógico complexo, exigindo estratégias individualizadas e flexíveis. Oliveira (2020) enfatiza que é essencial considerar o ritmo e as formas de comunicação do aluno autista, utilizando recursos visuais, materiais concretos, pictogramas e rotinas estruturadas. Essas práticas contribuem para a previsibilidade e a segurança, aspectos fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e emocional desses estudantes.

Outro resultado relevante está relacionado à importância da afetividade como mediadora do processo de ensino-aprendizagem. Bosa (2016) explica que o vínculo afetivo entre professor e aluno com TEA é uma das bases para o sucesso da inclusão, pois promove a confiança e reduz comportamentos de ansiedade. Professores que demonstram empatia e paciência constroem um ambiente emocionalmente seguro, no qual o estudante sente-se aceito e valorizado. Essa relação de confiança facilita o desenvolvimento de novas habilidades, reforçando o papel do professor como facilitador da aprendizagem e não apenas transmissor de conteúdos.

1891

Os resultados também apontam que o trabalho colaborativo entre professor, família e equipe pedagógica é indispensável para a efetividade da inclusão. Amaral (2018) ressalta que o diálogo entre esses atores possibilita a troca de informações e a construção conjunta de estratégias. Quando a família é ouvida e participa do processo educativo, as ações escolares se tornam mais coerentes com a realidade do aluno. Além disso, o apoio da gestão escolar e dos profissionais de suporte multiplica as possibilidades de intervenção e reduz o isolamento docente.

As análises mostraram ainda que o uso de tecnologias assistivas e recursos digitais é uma ferramenta poderosa na inclusão de alunos com TEA. Oliveira (2020) destaca que aplicativos interativos, softwares de comunicação e plataformas de aprendizagem contribuem para o engajamento e o desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais. No entanto, esses recursos devem ser utilizados de maneira planejada e pedagógica, evitando o uso mecânico ou meramente recreativo. O professor precisa ser o mediador do processo, garantindo que a tecnologia amplie o aprendizado e não substitua a interação humana.

Foi observado também que a postura do professor diante das diferenças tem impacto direto sobre o comportamento dos colegas e sobre o clima escolar. Quando o docente trata o aluno com TEA com respeito, paciência e igualdade, ele ensina, por meio do exemplo, que a diversidade é um valor e não um obstáculo. Sasaki (2019) lembra que a inclusão é um processo coletivo, e o modo como o professor lida com a diferença influencia a cultura de toda a turma. Assim, o educador é também um formador de consciências, promovendo atitudes de empatia e solidariedade entre os alunos.

Outro ponto importante identificado foi a necessidade de repensar as formas de avaliação dos alunos com TEA. Carvalho (2018) e Mantoan (2015) defendem que a avaliação inclusiva deve ser processual, contínua e qualitativa, valorizando o progresso individual e as conquistas pessoais, e não apenas o desempenho acadêmico. A observação diária, os registros de avanço e o diálogo com a família tornam-se instrumentos mais adequados para compreender o aprendizado do estudante autista. A avaliação, quando humanizada, torna-se uma aliada do processo educativo e não um mecanismo de exclusão.

Os estudos analisados revelam, ainda, que muitos professores enfrentam barreiras institucionais e emocionais em sua prática. A falta de tempo para o planejamento, a ausência de apoio técnico e a sobrecarga de tarefas são fatores que dificultam a construção de práticas inclusivas. Cunha (2019) afirma que o professor não deve ser responsabilizado isoladamente pelo sucesso ou fracasso da inclusão, pois esse é um processo coletivo, que exige políticas públicas efetivas, condições de trabalho dignas e suporte pedagógico permanente.

Em contrapartida, as pesquisas mostram experiências inspiradoras de professores que conseguem transformar a inclusão em realidade mesmo em contextos adversos. Esses docentes demonstram que a criatividade e o compromisso ético podem superar limitações estruturais. Amaral (2018) relata que práticas simples, como o uso de histórias sociais, a organização de espaços mais tranquilos e o incentivo à autonomia, fazem grande diferença na rotina dos alunos com TEA. Tais ações revelam que o sucesso da inclusão depende mais de uma postura humanizadora do que de recursos sofisticados.

Os resultados também reforçam que a formação emocional do professor é tão importante quanto sua formação técnica. Oliveira (2020) explica que lidar com o autismo demanda equilíbrio emocional, autoconhecimento e capacidade de lidar com frustrações. O docente precisa compreender que o progresso pode ser lento e que cada pequena conquista deve ser

valorizada. Essa sensibilidade transforma o processo educativo em um espaço de acolhimento e de respeito à singularidade de cada aluno.

Outro achado relevante foi a constatação de que a inclusão beneficia toda a comunidade escolar. Cunha (2019) e Mantoan (2015) apontam que, ao aprender a lidar com a diversidade, os alunos neurotípicos desenvolvem empatia, respeito e capacidade de cooperação. A escola inclusiva, portanto, não é apenas um espaço de aprendizagem para o aluno com deficiência, mas uma oportunidade de crescimento coletivo, onde todos aprendem a conviver com as diferenças e a valorizar o outro em sua totalidade.

Além disso, observou-se que as escolas que mais avançam na inclusão são aquelas que reorganizam suas práticas pedagógicas e sua cultura institucional. Carvalho (2018) destaca que a inclusão não deve ser vista como uma tarefa adicional, mas como um princípio que orienta todas as ações educativas. O professor precisa sentir-se apoiado e valorizado para que possa exercer seu papel transformador, e a gestão escolar tem o dever de garantir esse suporte por meio de formação, acompanhamento e reconhecimento.

Por fim, os resultados confirmam que o papel do professor na inclusão do aluno com TEA é essencialmente humano. Ele é o elo que conecta o conhecimento às emoções, a escola à família, e a teoria à prática. Quando o docente acredita na capacidade de aprender de cada aluno e atua com empatia e compromisso, ele se torna o agente principal da transformação escolar. Como afirma Amaral (2018), educar um aluno com autismo é também educar a si mesmo é aprender a enxergar o mundo pela lente da sensibilidade, da paciência e do amor.

1893

CONCLUSÃO

A análise das produções teóricas possibilitou compreender que o professor é o principal agente na efetivação da inclusão do aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na escola regular. Sua atuação ultrapassa os limites da sala de aula e alcança dimensões éticas, afetivas e sociais, sendo ele o responsável por transformar as diretrizes da inclusão em práticas concretas. Mantoan (2015) ressalta que a inclusão é um processo de reconstrução da escola, e essa reconstrução começa pela prática docente, que deve ser pautada no acolhimento, na escuta e na valorização das diferenças. O papel do professor, portanto, não é apenas ensinar conteúdos, mas abrir caminhos para que o aluno com TEA se sinta parte do ambiente escolar, vivencie interações significativas e construa seu próprio processo de aprendizagem.

O estudo evidenciou que a formação docente é o alicerce para uma inclusão de qualidade. Sem uma preparação adequada, o professor pode sentir-se inseguro e despreparado diante das especificidades do autismo, o que limita suas ações e reduz a efetividade das estratégias pedagógicas. Cunha (2019) defende que a formação continuada é essencial para que o educador aprenda a reconhecer as singularidades de cada aluno e a desenvolver práticas flexíveis, criativas e humanas. Essa formação, entretanto, deve ir além da técnica: precisa estimular o olhar empático, a paciência e a capacidade de lidar com as emoções que permeiam o cotidiano escolar. Educar um aluno com TEA é, antes de tudo, educar-se para compreender o outro em sua totalidade.

Outro ponto relevante destacado pela pesquisa é a importância da afetividade como mediadora da aprendizagem. Amaral (2018) e Bosa (2016) reforçam que o vínculo emocional entre professor e aluno é o que sustenta a confiança necessária para o desenvolvimento cognitivo e social. O docente que comprehende e acolhe o aluno autista cria um ambiente onde o erro é parte do processo e o progresso é celebrado, ainda que em pequenos passos. A inclusão, nesse sentido, não é apenas uma exigência pedagógica, mas uma prática de amor e respeito à singularidade humana. Quando o professor ensina com empatia, ele transforma a sala de aula em um espaço de pertencimento e dignidade.

1894

Os resultados também permitiram constatar que a inclusão é um movimento coletivo, que depende do envolvimento da gestão, da equipe pedagógica, dos colegas de turma e das famílias. Oliveira (2020) destaca que o professor, embora seja peça-chave, não pode caminhar sozinho: a escola precisa ser corresponsável pelo sucesso da inclusão. O apoio institucional, a valorização profissional e a existência de políticas públicas efetivas são fatores indispensáveis para que o professor possa exercer seu papel com segurança e autonomia. A inclusão, portanto, é um compromisso que envolve toda a comunidade escolar, exigindo cooperação, diálogo e sensibilidade.

Conclui-se que o papel do professor no processo de inclusão do aluno com TEA vai muito além da adaptação curricular ou do uso de metodologias diferenciadas. Ele é, sobretudo, o guardião da esperança de uma educação que reconhece a diversidade como riqueza e não como obstáculo. O professor que acredita no potencial de cada aluno, que transforma desafios em possibilidades e que enxerga o aprendizado como um ato de humanidade, faz da escola um espaço de transformação social. A inclusão é, portanto, um caminho contínuo, que se constrói na prática cotidiana, no olhar atento e na coragem de ensinar com o coração. É nessa dimensão

que a docência revela seu verdadeiro sentido: o de humanizar, acolher e tornar o aprender possível para todos.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, L. A. *Autismo: um olhar além do diagnóstico*. São Paulo: Cortez, 2018.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2016.
- BOSA, C. A. *Autismo: intervenções e práticas pedagógicas*. Porto Alegre: Artmed, 2016.
- BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 7 jul. 2015.
- CARVALHO, R. E. *Educação inclusiva: com os pingos nos “is”*. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2018.
- CUNHA, E. V. *Educação inclusiva e autismo: práticas pedagógicas e desafios contemporâneos*. Curitiba: Appris, 2019.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- MANTOAN, M. T. E. *Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?* 5. ed. São Paulo: Moderna, 2015.
-
- MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 15. ed. São Paulo: Hucitec, 2021.
- OLIVEIRA, M. C. *Transtorno do Espectro Autista: desafios e perspectivas na educação regular*. Rio de Janeiro: Vozes, 2020.
- SASSAKI, R. K. *Inclusão: construindo uma sociedade para todos*. 9. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2019.